

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS  
SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019****UM AFLUENTE DE LUTAS: UMA ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS  
POLÍTICAS DOS TUXÁ DO SÃO FRANCISCO (1980-1994)****Erêndira Santos da Silva<sup>1</sup>; Eurelino Teixeira Coelho Neto<sup>2</sup>;**

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

erendirasilva20@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia-DCHF, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-

mail: eurecoelho@uefs.br

**PALAVRAS-CHAVE:** lutas sociais; resistência indígena; povo Tuxá (1980-1994)**INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as práticas e as estratégias do povo Tuxá nas lutas desencadeadas após as intervenções da Companhia Hidrelétrica do São Francisco-CHESF na calha do rio São Francisco, intervenções que afetaram de modo profundo o território habitado por aqueles ribeirinhos. O estudo desses sujeitos e o modo como reagiram às incursões da CHESF é uma parte da história ainda pouco investigada pela história social.

As intervenções e seus atores sociais estão localizados no trecho Submédio do Rio São Francisco, “extenso trecho do Nordeste (56.859km<sup>2</sup>) pertencentes aos Estados de Pernambuco e da Bahia, [...] na porção central dos Polígono da Seca, apresentando condições climáticas desfavoráveis” (ANDRADE, 1981, p.11) . Essa pesquisa recobre espacialmente a região afetada pela Barragem de Itaparica, titulação que surge como referência a um território que abrange sete municípios, três na Bahia – Glória, Rodelas e Chorrochó- porção setentrional, que ocupa a parte côncava do cotovelo do rio São Francisco; e quatro em Pernambuco – Petrolândia, Floresta, Itacuruba e Belém do São Francisco- porção Sudeste, que forma uma faixa paralela ao rio.

A construção de usinas hidrelétricas desencadeou uma sequência de intervenções brutais no território, alterando as bases materiais da vida de milhares de ribeirinhos, inclusive dos Tuxá. As ações da CHESF colocaram em movimento diferentes grupos humanos, que sentiram e reagiram também de modos diferentes aos impactos das barragens. Em relação aos Tuxá, o desmembramento do território impactou de forma muito específica a vida daqueles indígenas, posto que não era apenas a perda de uma terra, base material da vida social, mas também a perda de um território, lugar sagrado. Ali estavam enterrados os ancestrais, nela estavam as referências simbólicas que se afirmavam em seus cantos e rituais e que orientavam suas vidas nas dimensões políticas e culturais.

A construção da barragem também acionou esses grupos sociais produzindo experiências de classe e os constituindo enquanto sujeitos coletivos. E essas lutas se desenhavam num contexto político de ascensão das lutas das classes subalternas no

Brasil, que vão sintetizar suas demandas num projeto contra hegemônico que terminaria sendo liderado pelo Partido dos Trabalhadores. Eventos como as greves no ABC paulista marcaram o cenário político na década de 1980, sendo um estopim para o conjunto de mobilizações e ações organizativas que se desdobraram em várias regiões do país, alterando a configuração da luta de classes. Segundo Coelho não é apenas o movimento sindical que ganha impulso nesse período, angariando vitórias na luta econômica através dos instrumentos de luta, como greve, frentes amplas nacionais, mas outras experiências organizativas também foram formadas fora do espaço de trabalho (2012, p.74).

Entre esses novos sujeitos coletivos estavam os grupos indígenas que, em resposta às invasões aos seus territórios para construção de usinas hidrelétricas, definiram e reelaboram suas estratégias de lutas, “dando início à estruturação e articulação política dos movimentos e organizações indígenas a nível nacional” (BARBOSA, MESQUITA, 2017, p.61). Como afirma Coelho, “esse foi um contexto, em que na classe trabalhadora iniciou-se um movimento de unificação e organização política nacional, isto é, uma trajetória na qual ela tornava-se classe” (2012, p.74).

É sobre esse tornar-se classe, que se abre como questão central compreender: os indígenas Tuxá na luta para conquistar e assegurar direitos diante da perda do seu território se articularam com outros grupos sociais que também eram atingidos pelas mudanças que afetaram o Submédio São Francisco e respondiam com lutas?

## **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA**

Esta pesquisa se enquadra e busca dialogar com a perspectiva teórico metodológica denominada de “história social inglesa”, que tem como dois dos seus principais expoentes Eric Hobsbawm e Edward P. Thompson. É uma proposta que elege os fenômenos coletivos como objeto de estudo, buscando compreender as experiências dos grupos sociais e como os sujeitos constroem, partilham e reagem a elas.

Buscamos a partir desse campo historiográfico “descobrir” e reconstruir “a vida e pensamento das pessoas comuns” que estiveram em luta, e ao fazer isso, “fornecer um elo com o presente” (HOBSBAWM, 2013, p.286). Nesta perspectiva, empregamos o conceito lutas sociais para analisar as experiências através das quais grupos sociais atingidos pela transposição do rio se mobilizaram coletivamente para reivindicar direitos e unir forças contra os grupos políticos que se colocavam em oposição.

Para compreender os sentidos construídos por aqueles/as que vivenciaram a luta, fazemos uso do conceito *experiência*, formulado por Thompson ao escrever *A Formação da Classe Operária Inglesa*

A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe (1987, p.10).

Esta definição aponta que é só por meio da experiência que podemos construir uma interpretação racional das mudanças históricas, e isso se inicia analisando a experiência nos seus dois aspectos: a experiência vivida, determinada pelas relações

históricas que os sujeitos contraem ao longo da vida e a experiência percebida, que é processada culturalmente, dando sentido ao seu fazer-se e às ações humanas. Ao buscar refletir o caso Tuxá, o conceito nos oferece caminhos para analisarmos como os elementos culturais (religiosos, políticos) atravessam as formas de luta e estabelecem os marcos da formação objetiva dos sujeitos. Como também oferece subsídios para analisar a história dos Tuxá, “como um processo ativo, que se deve tanto a ação humana como aos condicionamentos” (THOMPSON, 1987,p.9) políticos e econômicos daquele momento.

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO**

As experiências políticas dos indígenas Tuxá demonstraram que a relação com a terra e o direito a ela, desde cedo esteve em choque com as ações desenvolvimentista e mercadológica do Estado e de setores da agroindústria da região, sendo não apenas os Tuxá a sofrer com a espoliação de terras, mas outros grupos indígenas que viviam nas áreas contíguas do rio São Francisco.

Essas tensões se acentuaram com o funcionamento da barragem de Itaparica, em 1988, pois não só criou entre os ribeirinhos um elo em comum, o de “atingidos”, ainda que em níveis diferentes, como demandou uma resposta coletiva às incursões da União e das empresas estrangeiras na região. A investigação apontou como horizonte a hipótese de que indígenas e trabalhadores construíram unidade política em momentos provisórios (atos, encontros nacionais, ....), mas não foram capazes de mobilizar suas pautas em torno de uma organização política comum.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando a CHESF alterou o leito do rio para construir a barragem, destruindo roças, expropriando trabalhadores, demolindo casas, acionou um conjunto de lutas em suas margens e afluentes. A direção parecia ser a mesma para trabalhadores e indígenas, lutar para assegurar direitos e conquistar medidas compensatórias, mas seguiram esse curso de forma distintas. A luta dos trabalhadores desembocou na construção do Polo Sindical, mas os Tuxá, não encontrou o foz.

## **REFERÊNCIAS**

- ANDRADE, Manuel Correia de. Estado, capital e industrialização do Nordeste. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- COELHO, Eurelino. Hipóteses sobre a luta de classes no capitalismo contemporâneo. In: COELHO, Eurelino. PACHECO, Larissa P. B (org.). Lutas Sociais, intelectuais e poder: Problemas de História Social. – Feira de Santana: UEFS Editora, 2012, p.274
- BARBOSA, Zulene M. MESQUITA, Usan J. Sousa Movimentos sociais indígenas em transformação: a estruturação política das lutas étnicas e suas organizações na Amazônia maranhense. Revista Brasileira De Sociologia | Vol 05, No. 09 | Jan/Abr/2017
- HOBBSAWM, Eric. A história de baixo para cima. In: \_\_\_\_\_. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 2013; p.280-314

THOMPSON, E. P. A Formação da Classe Operária Inglesa. Vol. I: A Árvore da Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987 .

SILVA, J. V. S. O povo versus a “Besta-Fera”: o Polo Sindical dos Trabalhadores Rurais do Submédio São Francisco -Pe/Ba - na organização do movimento dos trabalhadores ribeirinhos atingidos pela barragem de Itaparica – BA/PE – (1976-1986). Dissertação de Mestrado em História UEFS. Feira de Santana, p. 254. 2018.